

## 4) Cristo e Maria

### Cristologia

A Cristologia (parte da Teologia que estuda os atributos de Jesus) católica é ortodoxa, semelhante à evangélica:

“Creio em Deus, Pai ... e em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou a terceiro dia, subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. Creio no Espírito Santo...”<sup>1</sup>.

“Cremos e confessamos que Jesus de Nazaré, nascido judeu de uma filha de Israel, em Belém, no tempo do rei Herodes Magno e do imperador César Augusto, carpinteiro de profissão, morto e crucificado em Jerusalém, sob o procurador Pôncio Pilatos, durante o reinado do imperador Tibério, é o Filho eterno de Deus feito homem; que ele 'veio de Deus' (Jo 13,3), 'desceu do céu' (Jo 3,13; 6,33), 'veio na carne' (1Jo 4,2; Jo 1,14-16)”<sup>2</sup>.

“Movidos pela graça do Espírito Santo e atraídos pelo Pai, cremos e confessamos acerca de Jesus: 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo' (Mt 16,16). Foi sobre a rocha desta fé, confessada por S. Pedro, Que Cristo construiu sua Igreja (Mt 16,18; S. Leão Magno, *Sermones* 4,3)”<sup>3</sup>.

“Jesus quer dizer, em hebraico, 'Deus salva'. No momento da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, que exprime ao mesmo tempo sua identidade e missão (Lc 1,31). Uma vez que 'só Deus pode perdoar os pecados' (Mc 2,7), é Ele que, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, 'salvará seu povo dos pecados' (Mt 1,21)”<sup>4</sup>.

“Cristo vem da tradução grega do termo hebraico 'Messias', que significa 'ungido'. Só se torna o nome próprio de Jesus porque leva à perfeição a missão divina que significa. Com efeito, em Israel eram ungidos em nome de Deus os que lhe eram consagrados... Era o caso dos reis (1Sm 9,16; 10,1; 16,1.12-13; 1Rs 1,39), dos sacerdotes (Ex 29,7; Lv 8,12) e, em raras ocasiões, dos profetas (1Rs 19,16)... O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor (Is 11,2) ao mesmo tempo como rei e sacerdote (Zc 4,14; 6,13), mas também como profeta (Is 61,1; Lc 4,16-21)...”<sup>5</sup>. “O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como o do Messias prometido a Israel (Lc 2,12)...”<sup>6</sup>.

“Numerosos judeus e até certos pagãos que compartilhavam a esperança deles reconheceram em Jesus os traços fundamentais do 'Filho de Davi' messiânico, prometido por Deus a Israel<sup>7</sup>. Jesus aceitou o título de Messias ao qual tinha direito (Jo 4,25-26; 11,27), mas com reserva, pois este era entendido por uma parte de seus contemporâneos segundo uma concepção demasiadamente humana (Mt 22,41-46), essencialmente política (Jo 6,15; Lc 24,21)”<sup>8</sup>.

<sup>1</sup> Credo segundo o Símbolo dos Apóstolos, no CIC, págs. 58-59.

<sup>2</sup> CIC 423.

<sup>3</sup> CIC 424.

<sup>4</sup> CIC 430.

<sup>5</sup> CIC 436.

<sup>6</sup> CIC 437.

<sup>7</sup> Mt 2,2; 9,27; 12,23; 15,22; 20,30; 21,9.15

<sup>8</sup> CIC 439.

“*Filho de Deus*, no Antigo Testamento, é um título dado aos anjos (Dt 32,8; Jó 1,6), ao povo da Eleição (Ex 4,22; Jr 3,19; Os 11,1), aos filhos de Israel (Dt 14,1; Os 2,1) e a seus reis (2Sm 7,14; Sl 82,6). Significa então uma filiação adotiva que estabelece entre Deus e sua criatura relações de uma intimidade especial. Quando o Rei-Messias prometido é chamado 'filho de Deus' (1Cr 17,13; Sl 2,7), isso não implica necessariamente, segundo o sentido literal desses textos, que ele ultrapasse o nível humano...”<sup>9</sup>.

A declaração CIC 442 afirma que a filiação de Jesus a Deus Pai é diferente, conforme entendido, pela fé, por Pedro (Mt 16,16-17) e Paulo (Gl 1,15-16; At 9,20). “[Jesus] distinguiu sua filiação daquela dos discípulos, não dizendo nunca 'nosso Pai', a não ser para [a oração] (Mt 6,9); e sublinhou esta distinção: 'Meu Pai e vosso Pai' (Jo 20,17)”<sup>10</sup>.

“Os Evangelhos narram em dois momentos solenes – o Batismo e a Transfiguração de Cristo – a voz do Pai a designá-lo como seu 'Filho bem-amado' (Mt 3,17; 17,5). Jesus designa-se a si mesmo como 'o Filho Único de Deus' (Jo 3,16) e afirma com este título sua preexistência eterna (Jo 10, 36). Exige a fé 'em nome do Filho Único de Deus' (Jo 3,18)”<sup>11</sup>.

“*Senhor*. Na versão grega dos livros do Antigo Testamento, o nome inefável com o qual Deus se revelou a Moisés (Ex 3,14), lahweh, é traduzido por 'Kyrios' ['Senhor'], que torna-se desde então o nome mais habitual para designar a própria divindade do Deus de Israel. É neste sentido forte que o Novo Testamento utiliza o título de 'Senhor' para o Pai, e também – e aí está a novidade – para Jesus reconhecido assim como o próprio Deus (1Cor 2,8)”<sup>12</sup>.

“Jesus mesmo atribui-se de maneira velada este título quando discute com os fariseus sobre o sentido do Salmo 110 (Mt 22,41-46), mas também de modo explícito dirigindo-se a seus apóstolos (Jo 13,13)”<sup>13</sup>.

“Ao atribuir a Jesus o título divino de Senhor, as primeiras confissões de fé da Igreja afirmam, desde o início (At 2,34-36), que o poder, a honra e a glória devidos a Deus Pai cabem também a Jesus (Rm 9,5; Tt 2,13; Ap 5,13), por ser Ele 'de condição divina' (Fl 2,6) e ter o Pai manifestado esta soberania de Jesus ressuscitando-o dos mortos e exaltando-o em sua glória (Fp 2,11)”<sup>14</sup>.

“O Filho de Deus se fez homem para:

- salvar-nos, reconciliando-nos com Deus (1Jo 4,10.14; 3,5);
- que conhecêssemos o amor de Deus (1Jo 4,9; Jo 3,16);
- ser nosso modelo de santidade (Mt 11,29; Jo 14,6; 15,12; Mc 9,7);
- tornar-nos participantes da natureza divina (2Pd 1,4); 'O Filho Unigênito de Deus, querendo-nos participantes de sua divindade, assumiu nossa natureza para que aquele que se fez homem dos homens fizesse deuses’”<sup>15</sup>.

Esclarecimento:

---

---

---

---

<sup>9</sup>CIC 441.

<sup>10</sup>CIC 443, em que são citados também os versículos Mt 5,48; 6,8; 7,21; Lc 11,13.

<sup>11</sup>CIC 444.

<sup>12</sup>CIC 446.

<sup>13</sup>CIC 447.

<sup>14</sup>CIC 449, citando também ao final Rm 10,9; 1Cor 12,3.

<sup>15</sup>CIC 456-460, com citação de Tomás de Aquino no final.

“O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja o resultado de uma mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. A Igreja teve de defender esta verdade de fé no decurso dos primeiros séculos, diante das heresias que a falsificavam”<sup>16</sup>.

As declarações 512 a 682 do CIC apresentam a vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus e o futuro juízo. Devem-ser ressaltadas, em relação à “morte redentora de Cristo no desígnio da salvação”:

“Jesus foi entregue segundo o desígnio bem determinado de Deus”<sup>17</sup>.

“Morreu por nossos pecados segundo as Escrituras”<sup>18</sup>.

“Aquele que não conhecera o pecado, Deus o fez pecado por nós”<sup>19</sup>.

“Deus tem a iniciativa do amor redentor universal”<sup>20</sup>.

“Toda a vida de Cristo é uma oferenda ao Pai”<sup>21</sup>.

“O cordeiro que tira o pecado do mundo”<sup>22</sup>.

“Jesus abraça livremente o amor redentor do Pai”<sup>23</sup>.

“Na Ceia, Jesus antecipou a oferta livre de sua vida”<sup>24</sup>.

“A morte de Cristo é o sacrifício único e definitivo”<sup>25</sup>.

“Jesus substitui a nossa desobediência por sua obediência”<sup>26</sup>.

“Na Cruz, Jesus consuma seu sacrifício”<sup>27</sup>.

## Maria

No meio das declarações a respeito de Cristo (422-682) e da Igreja (748-975), o CIC apresenta Maria, sua mãe, com vários atributos não-bíblicos ou exclusivos de Jesus (487-511; 963-975):

“Esta maternidade de Maria na economia da graça perdura ininterruptamente, a partir do consentimento que ela fielmente prestou na anunciação, que sob a cruz resolutamente manteve, até perpétua consumação de todos os eleitos. Assunta aos céus, não abandonou seu múnus salvífico, mas por sua múltipla intercessão, continua a alcançar-nos os dons da salvação eterna. (...) Por isso, a bem-aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de advogada, auxiliadora, protetora, medianeira”<sup>28</sup>.

“Cremos que a Santíssima Mãe de Deus, nova Eva, Mãe da Igreja, continua no Céu sua função materna em relação aos membros de Cristo”<sup>29</sup>.

<sup>16</sup>CIC464. Nas declarações 465-469 são listadas as 'heresias' e as respostas da Igreja.

<sup>17</sup>CIC 599-600, citando At 2,23; 4,27-28. “Para Deus, todos os momentos estão presentes em sua atualidade. Ele estabelece, portanto, seu projeto eterno de 'predestinação', incluindo nele a resposta livre de cada homem à graça”.

<sup>18</sup>CIC601, citando 1Cor 15,3; Is 53,11-12; At 3,14; Jo 8,34-36; Lc 24,25-27.44-45.

<sup>19</sup>CIC 602-603, citando 2Cor 5,21; Fl 2,7; 1Pd 1,18-20.

<sup>20</sup>CIC 604-605, citando 1Jo 4,10; Rm 5,8. “A Igreja, no seguimento dos apóstolos (2Cor 5,15; 1Jo 2,2), ensina que Cristo morreu por todos os homens sem exceção” [605].

<sup>21</sup>CIC 606-607, citando Jo 4,34; 6,38; 10,17; 12,27; 14,31; 18,11; 19,30; Hb 10,5-10

<sup>22</sup>CIC 608, citando Jo 1,29.36; Is 53,7; Jr 11,19. “Toda a vida de Cristo expressa sua missão: 'servir e dar sua vida em resgate de muitos' (Mc 10,45)”.

<sup>23</sup>CIC 609, citando Jo 10,18; 13,11; 15,13; 18,4-6; Mt26,53; Hb 2,10.17-18; 4,15; 5,7-9.

<sup>24</sup>CIC 610-611, citando 1Cor 11,23-ss; Mt 26,28; Lc 22,19.

<sup>25</sup>CIC 613-614, citando Hb 10,10; 1Jo 4,10 e outros.

<sup>26</sup>CIC 615; 618, citando Rm 5,19; Is 53,10-12; 1Tim 2,5.

<sup>27</sup>CIC 616-617, citando Jo 13,1; 2Cor 5,14; Gl 2,20; Ef 5,2.25.

<sup>28</sup>CIC 969.

<sup>29</sup>CIC 975.

Dogmas da Igreja Católica	Respostas
<p><b>Maria “sempre Virgem”:</b>                      “O aprofundamento de sua fé na maternidade virginal levou a Igreja a confessar a virgindade real e perpétua de Maria mesmo no parto do Filho de Deus feito homem... que não lhe diminuiu, mas sagrou a integridade virginal de sua mãe... 'aeiparthenos', 'sempre virgem’”. “A isto objeta-se por vezes que a Escritura menciona irmãos e irmãs de Jesus<sup>30</sup>. A igreja sempre entendeu que essas passagens não designam outros filhos da Virgem Maria: com efeito, Tiago e José, 'irmãos de Jesus' (Mt 13,55), são os filhos de uma Maria discípula de Cristo (Mt 27,56)... 'a outra Maria' (Mt 28,1). Trata-se de parentes próximos de Jesus...”. “Jesus é o Filho Único de Maria, mas sua maternidade espiritual estende-se a todos os homens que Ele veio salvar. Ela gerou seu Filho, do qual Deus fez 'o primogênito entre uma multidão de irmãos' (Rm 8,29), em cujo nascimento e educação <b>Ela</b> coopera com amor materno”<sup>31</sup>.</p>	
<p><b>Imaculada concepção de Maria:</b>                      “Ao longo dos séculos, a Igreja tomou consciência de que Maria, 'cumulada de graça' por Deus, foi redimida desde a concepção. 'A beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante de sua conceição, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em vista dos méritos de Jesus Cristo, Salvador do gênero humano, foi preservada imune de toda mancha do pecado original’”<sup>32</sup>.</p>	
<p><b>Maria “sem pecado”:</b>                      “Depois da queda, o homem não foi abandonado por Deus. Ao contrário, Deus o chama (Gn 3,9) e lhe anuncia de modo misterioso a vitória sobre o mal e o soerguimento da queda (Gn 3,15). Esta passagem do Gênesis foi chamada de 'proto-evangelho', por ser o primeiro anúncio do Messias redentor, a do combate entre a serpente e a Mulher e a vitória final de um descendente desta última. A tradição cristã vê nesta passagem um anúncio do 'novo Adão' (1Cor 15,21-22.45), que, por sua 'obediência até a morte de cruz' (Fl 2,8), repara com superabundância a desobediência de Adão (Rm 5,19-20). De resto, numerosos padres e doutores da Igreja vêem na mulher anunciada no 'proto-evangelho' a mãe de Cristo, Maria, como a 'nova Eva'. Foi ela que, primeiro e de uma forma única, se beneficiou da vitória sobre o pecado original e durante toda a vida terrestre, por uma graça especial de Deus, não cometeu nenhuma espécie de pecado”<sup>33</sup>.</p>	

<sup>30</sup>Mc 3,31-35; 6,3; 1Cor 9,5; Gl 1,19

<sup>31</sup>CIC 499-501.

<sup>32</sup>CIC 491. A saudação do anjo Gabriel (Lc 1,28) é citada na declaração 490, como “cheia de graça”. A citação final é do Papa Pio IX, em 1854.

<sup>33</sup>CIC 410-411, citando no final Pio IX e Concílio de Trento

Dogmas da Igreja Católica	Respostas
<p><b>Maria “Mãe de Deus”:</b>                      “Denominada nos Evangelhos 'a Mãe de Jesus' (Jo 2,1; 19,25; Mt 13,55), Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito, desde antes do nascimento de seu Filho, como 'a mãe de meu Senhor' (Lc1,43). Com efeito, Aquele que ela concebeu do Espírito Santo como homem e que se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne não é outro que o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é verdadeiramente <i>Mãe de Deus</i> (theotókos)”<sup>34</sup>.</p>	
<p><b>Assunção de Maria:</b>                      “Finalmente a Imaculada Virgem, preservada imune de toda mancha da culpa original, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celeste. E, para que mais plenamente estivesse conforme a seu Filho, Senhor dos senhores e vencedor do pecado e da morte, foi exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo”<sup>35</sup>.</p>	
<p><b>Maria co-redentora:</b>                      “Ao anúncio de que, sem conhecer homem algum, ela conceberia o Filho do Altíssimo pela virtude do Espírito Santo (Lc 1,28-37), Maria respondeu com a 'obediência da fé' (Rm 1,5), certa de que 'nada é impossível para Deus': 'Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra' (Lc 1,37-38). Assim, dando à Palavra de Deus o seu consentimento, Maria se tornou Mãe de Jesus e, abraçando de todo o coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina da salvação, entregou-se... ao Mistério da Redenção: como diz Sto. Irineu, 'obedecendo, se fez <u>causa</u> de salvação tanto para si como para todo o gênero humano... O nó da desobediência de Eva foi desfeito pela obediência de Maria; o que a virgem Eva ligou pela incredulidade a virgem Maria desligou pela fé'... Veio a morte por Eva e a vida por Maria”<sup>36</sup>.                      “De modo inteiramente singular, pela obediência, fé, esperança e ardente caridade, ela <u>cooperou</u> na obra do Salvador para a <u>restauração</u> da vida sobrenatural das almas, [tornando-se] mãe na ordem da graça”<sup>37</sup>.</p>	
<p><b>Maria medianeira:</b>                      “Na oração, o Espírito Santo nos une à pessoa do Filho Único, em sua humanidade glorificada. Por ela e nela, nossa oração filial entra em comunhão, na Igreja, com a Mãe de Jesus (At 1,14)... A partir da cooperação singular de Maria com a ação do Espírito Santo, as Igrejas desenvolveram a oração à santa Mãe de Deus,... [confiando-lhe] as súplicas e louvores dos filhos de Deus, pois ela conhece agora a humanidade que nela é desposada pelo Filho de Deus”<sup>38</sup>.</p>	

<sup>34</sup>CIC 495.

<sup>35</sup>CIC 966, citando o discurso do Papa Pio XII, em 1950.

<sup>36</sup>CIC 494, citando Irineu de Lião, *Adversus haereses* 3,22,4.

<sup>37</sup>CIC 968.

<sup>38</sup>CIC 2673; 2675. 2677: “Rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte”, da reza Ave Maria.

## **Maria no Novo Testamento<sup>39</sup>**

Estas são as referências a Maria no Novo Testamento:

- Nascimento e infância de Cristo – Mt 1; 2; Lc 1.26-2.40;
- Jesus deixado em Jerusalém aos 12 anos – Lc 2.41-51;
- Bodas de Caná – Jo 2.1-11;
- Visita curta a Cafarnaum – Jo 2.12;
- Maria e os irmãos de Jesus em Cafarnaum – Mt 12.46-50; Mc 3.20-35; Lc 8.19-21;
- Questões sobre a origem de Jesus – Mt 13.55-56; Mc 6.3-4; Jo 6.42;
- Crucificação de Jesus – Jo 19.25-27;
- Oração após a ascensão de Cristo – At 1.14;
- Referências de Paulo – Rm 1.3; Gl 4.4.

Muitos católicos ao ler a Bíblia são surpreendidos com quão pouco é dito a respeito de Maria. Ainda mais significativo é o fato de que a Bíblia contradiz muito do que a Igreja ensina sobre ela. A Escritura nada diz sobre os últimos anos da vida de Maria, sua morte e enterro. Não há descrição de seu caráter ou aparência física. Também não há exemplos de alguém orando a ela ou venerando-a.

---

<sup>39</sup>McCarthy, págs. 189-190.

## Respostas da Apostila 4 – página 18

Não concordamos com a última parte desta declaração de Tomás de Aquino. Trata-se de uma doutrina conhecida como Deificação, ensinada na Igreja Ortodoxa (oriental). “O termo [*theosis*] não implica que um homem possa ter a essência divina, mas que é possível tornar-se 'como Deus'”<sup>1</sup>. Geisler a defende: “Uma crítica ao conceito Ortodoxo Oriental de salvação como 'deificação' é que **soa perigosamente perto do panteísmo (Deus é tudo, e tudo é Deus)**. Entretanto, 'a idéia de deificação deve ser sempre entendida na luz da distinção entre o Criador e a atividade criativa, entre a essência de Deus e Suas energias. União com Deus significa união com a energia divina, não com sua essência: a Igreja Ortodoxa, falando a respeito de deificação e união, rejeita todas as formas de panteísmo’”<sup>2</sup>.

## Respostas da Apostila 4 – páginas 20 e 21

1) Concordamos com os católicos que Maria era virgem na concepção de Jesus, que ocorreu pelo poder do Espírito Santo, para cumprir as profecias do AT (CIC 484-488; 496-498; citando Mt 1,18-25; Lc 1,26-35; Is 7,14).

“A Bíblia nada declara a respeito de Maria conservar sua 'integridade virginal inviolada' no nascimento de Jesus, nem que tenha refreado o contato sexual com seu marido após o nascimento de Cristo”<sup>3</sup>.

“É especialmente significativo que as Escrituras, em vez de apoiar a doutrina..., nos conduz a acreditar na direção oposta. Há várias referências a eventos envolvendo os meio-irmãos e meio-irmãs do Senhor Jesus...”<sup>4</sup>: Jo 2,12; Mt 12,46 (Mc 3,31; Lc 8,19); Mt 13,55-56 (Mc 6,3-4); Jo 7,2-10; At 1,14; Gl 1,19 (Gl 2.9-12; At 15.13-21); 1Co 9.5.

“É verdade que as palavras gregas para 'irmão', *adelphos*, e 'irmã', *adelphē*, podem ser entendidas em um sentido mais amplo, mas seu significado primário é de uma relação de paternidade compartilhada... Se o Espírito Santo desejasse expressar uma relação mais aberta que 'irmão' e 'irmã', duas outras palavras estavam disponíveis: *anepsios*, 'primo' (Marcos e Barnabé, em Cl 4.10); e *syngenis*, 'parente' (Isabel e Maria, em Lc 1.36)”<sup>5</sup>.

“Mateus 1.25 aparenta implicar que Maria teve relações sexuais com José após Jesus ter nascido... Senão, porque não afirma claramente que eles *nunca* tiveram relações?”<sup>6</sup>.

2) A expressão 'cheia de graça' (da tradução latina Vulgata) não implica “necessariamente uma concepção imaculada, mesmo quando se refere à graça de Deus presente desde a concepção, como Jeremias (Jr 1) e João Batista (Lc 1), que não tiveram concepção imaculada”<sup>7</sup>. Somente Jesus teve!

“Mesmo grandes teólogos da Igreja Católica, como Pedro Lombardo, Boaventura e Tomás de Aquino, claramente rejeitaram a doutrina, argumentando corretamente que isentar Maria do pecado original é inconsistente com a universalidade do pecado original e da necessidade de redenção. John Duns Scotus argumentou que Maria foi salva do pecado preventivamente, não por cura como todos nós. Não há evidência que apóie este argumento”<sup>8</sup>.

3) “Como uma descendente de Adão, Maria, como todos nós, nasceu uma pecadora (Rm 5.12)... A Bíblia ensina que somente Um que viveu nesta terra, sem pecado, foi o Senhor Jesus Cristo (2Co 5.21; 1Pe 2.22; 1Jo 3.5), [sem outra exceção] (Ec 7.20). Os anjos louvam o Senhor, proclamando 'Tu somente és Santo' (Ap 15.4). Jesus disse que 'ninguém é bom, exceto Deus somente' (Lc 18.19). Paulo escreveu que 'todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus' (Rm 3.23; cf. 3.10-12). Maria, como todos os outros seres humanos, foi uma pecadora com necessidade de ser redimida. Ela mesma o declarou ao orar (Lc 1.46-47)”<sup>9</sup>.

<sup>1</sup>Burgess, *Holy Spirit*, p. 228, citado em Geisler & MacKenzie, pág. 438. “God-like” traduzido por “como Deus”, pode ser entendido como “semelhante a Deus”.

<sup>2</sup>Geisler & MacKenzie, pág. 439, citando Ware, *Orthodox Church*, p. 237..

<sup>3</sup>McCarthy, pág. 192, citando a expressão utilizada no dogma proclamado pelo Concílio de Trento.

<sup>4</sup>Idem, pág. 193.

<sup>5</sup>Idem, págs. 195-196.

<sup>6</sup>Geisler & MacKenzie, pág. 303.

<sup>7</sup>Idem, pág. 307.

<sup>8</sup>Idem, pág. 308.

<sup>9</sup>McCarthy, págs. 196-197.

4) “Como a natureza humana de Jesus não tem pai, sua natureza divina não tem mãe. A Bíblia, portanto, chama Maria de 'mãe de Jesus' (Jo 2.1; At 1.14), nunca de 'mãe de Deus'.

O Concílio de Éfeso (ano 431), que [segundo os católicos] formalmente sancionou a prática de se referir a Maria como 'mãe de Deus', esteve longe de ser um encontro espiritual para buscar conhecer a vontade de Deus..., foi marcado por rivalidades políticas na Igreja e descrito pelos historiadores como repulsivo... Nestório, patriarca de Constantinopla, não apreciava o uso do termo *theotokos* ('gestante de Deus'), pois temia que os defensores do arianismo o usassem para negar a doutrina da Trindade, ensinando que Jesus é uma criatura. Ausente, Nestório foi declarado herege, e seus defensores, apóstatas”<sup>10</sup>.

5) Para justificar que Maria viveu sem pecado, a Igreja Católica afirma que Maria não morreu, e que seu corpo não sofreu decomposição em decorrência do pecado. O fato de Maria ter morrido é prova suficiente de que ela estava plenamente sujeita à penalidade do pecado (Gn 2.17; 3.19; Rm 6.23)<sup>11</sup>.

6) “Há somente um Redentor. A Escritura é clara em declarar que o Senhor somente é nosso redentor (Is 49.26; Cl 1.13-14; Rm 3.24; Hb 9.14)...

a) Maria não sofreu pelo pecado. Seu sofrimento diante da cruz (Jo 19.25-27; Mc 15.40) era de compaixão. Jesus sofreu pela justiça (1Pe 3.14,18), em nosso lugar (Gl 3.13; Is 53.4,6);

b) Maria não sofreu a morte por [nosso] pecado. Jesus sofreu e morreu pela nossa redenção, nossa reconciliação com Deus (Rm 5.10; Hb 9.15; Ap 1.5; Mc 10.45);

c) Maria não era qualificada para nos redimir. O preço pela redenção de alguém é alto (Sl 49.7-8). Porque Deus enviou Seu Filho, somente Jesus era qualificado, porque Sua vida era de valor infinito. Feito 'à semelhança dos homens' (Fp 2.7), Ele era capaz de representar a humanidade diante de Deus e morrer fisicamente (Hb 2.14-17). Como Ele era sem pecado, sua vida era um sacrifício aceitável para Deus (1Pe .19; 2.22)”<sup>12</sup>.

7) “Enquanto a Igreja concorda que os fiéis são o corpo de Cristo e Ele é sua cabeça, adicionam que Maria é 'a conexão que une o corpo à cabeça e transmite ao corpo as influências e vontades da cabeça, isto é, o pescoço'. Há apenas um medidor entre Deus e os homens, Jesus (1Tm 2.5), e não **dois**. Somente através de Jesus podemos: conhecer a Deus (Jo 1.18); obter salvação (Jo 14.6; At 4.12); receber misericórdia do trono da graça (Hb 4.14-16); ter acesso ao Pai (Ef 2.18). A fórmula bíblica para se aproximar de Deus é: através do Filho, no Espírito, ao Pai (Jo 16.26-27). Jesus ensinou seus discípulos a orar em Seu nome, não no nome de Maria (Jo 14.13-14)”<sup>13</sup>.

## Conclusão

Lendo Lucas 1 podemos perceber que Maria foi uma 'serva' humilde, não senhora; 'mãe de [nosso] Senhor', não nossa mãe, mas irmã em Cristo.

---

<sup>10</sup>Idem, págs. 190-191.

<sup>11</sup>Adaptado de McCarthy, pág. 197.

<sup>12</sup>Idem, págs. 207-212.

<sup>13</sup>Idem, págs. 212-221.